



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DA CONCEIÇÃO NUNES

**DISCUTINDO UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA BASEADA NA LEITURA E
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ITAPORANGA – PB

2014

MARIA DA CONCEIÇÃO NUNES

**DISCUTINDO UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA BASEADA NA LEITURA E
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Convenio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em a exigência para obtenção do grau de especialização.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira

ITAPORANGA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972d Nunes, Maria da Conceição

Discutindo uma Proposta Construtivista baseada na Leitura e Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental [manuscrito] : / Maria da Conceição Nunes. - 2014.

43 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Francisco Diniz de Andrade Meira, Departamento de Educação".

1. Leitura 2. Formação 3. Ensino Fundamental I. Título.

21. ed. CDD 372.6

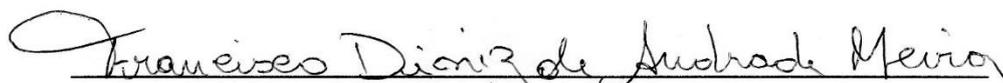
MARIA DA CONCEIÇÃO NUNES

DISCUTINDO UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA BASEADA NA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

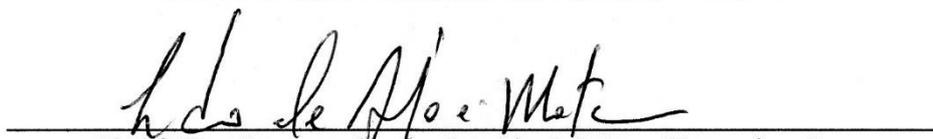
Monografia apresentada ao Curso de Especialização “Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares”, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14 / junho / 2014

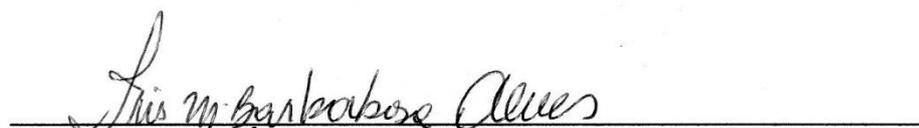
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira – Orientador
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Dr. Leonardo de Araújo Mota – Examinador
Universidade estadual da Paraíba – UEPB



Profa. Me. Iris Maria Barbosa Alves – Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Aos meus filhos David e Délis, à minha nora Luanna, meu genro Luan e à minha irmã.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, meu refúgio, meu criador.

Meus filhos David e Délis.

À minha nora Luanna e meu genro Luan.

Aos meus mestres, que me instruíram na busca pelo conhecimento.

Ao professor Francisco Diniz de Andrade Meira, pela sua colaboração e dedicação ao meu trabalho.

A todos que acreditaram em mim e que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse, hoje, alcançar esta realização.

Muito obrigada!

RESUMO

A presente monografia aborda a problemática: discutindo uma proposta construtivista baseada na leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Considera-se que o educador tem o papel fundamental de apresentar uma conduta de mediador de leitura e escrita no processo de formação da criança leitora e escritora. Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa visa compreender o da escola e os meios de desenvolver o hábito da leitura nos alunos, e o aperfeiçoamento da caligrafia e escrita dos mesmos, CALI : do grego κάλλος kalli "beleza" / GRAFIA: escrita. O presente trabalho monográfico tem como objetivo trabalhar com a leitura e escrita de uma forma construtiva nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa caracteriza-se através da abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de campo, ou seja, foi desenvolvida por meio de levantamento, seleção, leitura, documentação e análise de bibliografia específica sobre o tema, além de uma pesquisa de campo, que possibilitou a análise dos dados coletados para se abordar a questão a leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário, no qual os autores entrevistados foram os alunos da E.E.E.F.M Bernardino Bento. Tendo como objetivo fazer uma análise do panorama atual da escola em relação à leitura e escrita das crianças. A pesquisa em questão ampliou o meu conhecimento em relação às práticas de leitura e escrita nas séries iniciais de ensino fundamental. Procurou-se esclarecer nossas indagações, adquirir novos conhecimentos.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Aprendizagem. Formação da criança leitora e escritora. Mediação.

ABSTRACT

This monograph discusses the problem: discussing a constructivist approach based on reading and writing in the early grades of elementary school is considered that the educator is to present a critical role of mediator conduct reading and writing in the process of formation of the reader and child writer. In this sense, the development of this research aims to understand the school and the means to develop the reading habit in students, and improving handwriting and writing thereof , CALI : Greek kalli κάλλος " beauty " / GRAFIA : writing. This monograph aims to work with reading and writing in a constructive way in the early grades of elementary school The research is characterized by a qualitative approach, the literature and field type , ie , was developed by raising selection, reading, documentation and analysis of research literature on the topic , and a field survey , which allowed the analysis of the data collected to address the issue reading and writing in the early grades of elementary school. The research was conducted through a questionnaire in which respondents authors were students of EEEFM Bernardino Benedict. Aiming to analyze the current situation of the school in relation to reading and writing of children. The research in question has broadened my knowledge regarding the practices of reading and writing in the early grades of elementary school. We sought to clarify our questions, acquire new knowledge.

Keywords: Reading. Writing. Learning. Training the child reader and writer. Mediation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – LEITURA.....	10
1.1 CONCEITO DE LEITURA	10
1.2 TIPOS DE LEITURA	13
1.3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA	14
1.4 O TRABALHO COM A LEITURA NAS ESCOLAS	17
CAPÍTULO II – ESCRITA.....	20
2.1 BREVE HISTÓRICO DA LEITURA.....	20
2.2 CONCEPÇÕES DE ESCRITA.....	23
2.3 LEITURA E ESCRITA A FORMAÇÃO NAS ESCOLAS	24
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A atividade docente visa contribuir para o crescimento de seus alunos e a culminância de todo o processo na construção de um trabalho de conclusão de curso, como o realizado aos alunos que foram submetidos a esta atividade.

O tema escolhido foi: “Discutindo uma proposta construtivista baseada na leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental”. O presente estudo desenvolveu uma pesquisa de campo e análise bibliográfica, onde foi aplicado questionários aos alunos da E.E.E.F. Médio Bernardino Bento, contribuindo com seus conhecimentos para a elaboração do TCC, no qual buscou-se saber como é a interação dos alunos com a leitura e escrita.

Para compor este trabalho fez-se um estudo sobre o papel da leitura e da escrita na formação do sujeito, em que a história da escrita e da leitura e sua aquisição, no qual as atividades lúdicas que contribuam para a aprendizagem dos alunos e culminando com as principais dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Entre os fatores relevantes sobre a insuficiência de formas de ensino da leitura, destacamos o fato de que a maior parte das atividades propostas nas escolas está, de certa forma, centrada muito mais na escrita do que em leitura.

Concluindo as atividades desenvolvidas em sala de aula, fez-se um término com a apresentação de como os alunos formandos podem tornar produtivo um trabalho como este, incentivando para sua continuidade e progresso do profissional em educação.

Mediante tais considerações, iniciaremos este presente trabalho de pesquisa-ação tendo em vista que a escola tem enormes responsabilidades de ensinar mostrando o valor e a utilidade do que se ensina, portanto, cabe a nós, como futuros educadores, tenta-se no presente trabalho ver quais os problemas a enfrentar para que suas soluções seja o mais eficaz possível

CAPÍTULO I – A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE LEITURA

A leitura é uma atividade essencial na vida de qualquer ser humano, pois é um meio necessário e indispensável que permite adquirir informações e realizar reflexões críticas da realidade. “Ler é o conjunto das estratégias perceptíveis e intelectuais que permitem atribuir um significado a um texto escrito” (FOUCAMBERT, 1994, p.125). A leitura é parte da interação verbal, escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor.

O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua de forma participativa, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor. “A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido ao prazer estético e, ainda uma atividade de acesso às especificidades da escrita” (ANTUNES, 2003, p. 70).

Essa atividade favorece em primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos do mundo em geral.

1.1 CONCEITO DE LEITURA

O estudo do fenômeno da linguagem, ao qual está ligado o estudo da língua portuguesa, exige de princípio a compreensão dos conceitos de linguagem, língua e fala. Linguagem é uma faculdade geral que recobre o fenômeno da criação e da interação interna e externa da língua. Numa recreação psicomotora, a linguagem toma os signos, no arquivo da memória, articula-os e comanda a ação expressiva entre os sujeitos em sociedade.

Quando se fala em leitura, o que nos vem à mente é a decodificação da linguagem escrita. Sabe-se que atualmente o conceito de leitura vai muito além desta visão tradicional “(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo,

dar sentido a ele a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.” (MARTINS, 1983, p.34)

Ainda de acordo com Martins (1983, p.34) o que se pode perceber em relação à escola é que seu papel atualmente constituiria permitir aos alunos a continuidade da leitura de mundo que eles já possuem. A criança vai à escola, levando consigo um mundo particular, o qual necessitaria ser produzido, incitado, por fim, aproveitado pelo professor para, a partir daí, introduzir a leitura da palavra escrita. Assim o professor conseguiria despertar o interesse dos alunos pela leitura

Aprender a ler é um desafio a ser superado desde que o aluno começa a frequentar a escola, e o que se pode perceber na educação escolar de hoje é que nem todos os alunos gostam de exercitar o hábito da leitura.

Na concepção de Klaiman (2004, p. 151) ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar ao aluno que quanto mais ele provar o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar o aluno a se auto avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédias (...) é ensinar, antes de tudo, que texto é significativo. E assim criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência.

Ler é um movimento de união das pessoas com o mundo e consigo mesmo, isso se adquire quando se exerce a função social da língua, ou seja, quando sai do simplismo da decodificação para a leitura e reelaboração dos textos que podem ser inúmeras formas apresentáveis, possibilitando assim uma melhor percepção do mundo. Ler é uma atividade básica na formação cultural da pessoa.

A compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Para Paulo Freire (1990), ao lermos, estabelecemos frequentemente associações, evocamos imagens, construímos raciocínio, às vezes até sonhamos acordados.

O ato de ler é tomado em um sentido mais amplo, isto é, não se prende a interpretação dos sinais gráficos. Vai além, para ele, lemos quando percebemos o mundo à nossa volta, ou seja, lemos quando interpretamos os estímulos sensoriais que nos chegam, nos rodeiam. Vale ressaltar que sua visão, leitura de mundo e leitura da palavra estabelecem relações entre si: sendo a leitura que fazemos do mundo imprescindível à leitura da palavra.

Em outras palavras, a compreensão crítica do texto materializa-se na relação que este estabelece com o texto.

Segundo o pensamento de Martins (1999), a leitura é tomada como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, filosóficos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. A leitura é dinâmica e circunstancial é o ponto para o processo educacional eficiente proporcionando a formação integral do indivíduo. O leitor, ao tomar em suas mãos uma publicação, trata-o como um objeto em si, observando-a, avaliando seu aspecto físico e a sensação tátil que desperta.

Para Breves (2000) o verdadeiro aprendizado só acontece quando permitimos que a criança faça, pense, raciocine, elabore o conhecimento. É importante dizer ainda que acredita-se em um ensino-aprendizagem pautado na construção e reconstrução do conhecimento a cada nova interação, a cada novo contato com o outro, com as coisas, com o novo, com o mundo.

A leitura visual se impõe pela força da imagem que se mostra como um todo. Ao primeiro olhar, os elementos constituidores do quadro se apresentam simultaneamente, ficando para outro olhar a distinção de seus elementos formadores e a relação de força existente entre as partes.

Já o texto verbal pede a preferência do leitor que nem sempre responde a esse convite. Foucambert (1994, p. 38.) analisa dois aspectos fundamentais da questão da aprendizagem da leitura:

1. Aprende-se a ler com textos, não com frases, nem ainda com palavras, jamais sílabas. E com textos centrados diretamente na experiência e nas preocupações das crianças.
2. Aprende-se a ler lendo textos de cuja leitura se tem necessidade. Ler, ou Aprender ler, é uma negociação entre o conhecimento, que está na nossa cabeça, e o desconhecido que está no papel.

Para ele toda vez que uma criança está desinteressada pelos estudos há uma causa e que poderá ser explicada, como algo que não lhe dá prazer que não levanta sua autoestima. Na leitura o leitor ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.

Para Solé (1998) a ideia de que o leitor especialista atribui sentido e significado ao texto e rejeita o pressuposto de que o lê (exceto no caso em que a

atividade de leitura corresponde a este objetivo: por exemplo, na declamação poética).

Essa afirmação tem várias consequências. Em primeiro lugar, envolve a presença do leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sem lermos para algo, para alcançar alguma finalidade, devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar.

Kato (1985), na concepção da leitura, vista como interação entre os componentes do ato da comunicação escrita, o leitor, portador de esquemas (mentais), socialmente adquiridos acionaria seus conhecimentos prévios e os confrontaria com os dados do texto, “construindo”, assim, o sentido. Nessa concepção o bom leitor é aquele que é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas ideias e intenções.

Percebe-se que mesmo nessa abordagem, o texto é de fundamental importância, pois é na sua leitura literal que o leitor encontrará indícios para significados não literais. Nesse sentido, o leitor vem parcialmente sanar o impasse criado pela abordagem estritamente descendente que enfatiza o papel do texto na leitura. Embora se considere que, nesta postura teórica, o leitor é visto como o sujeito ativo, porque cabe ao leitor “inferir”, acionando esquema e interagindo com os dados do texto. Essa atividade de ver tolhida por um objetivo autoritário ao qual se imputa a existência de um núcleo de sentido, contudo comum, independentemente dos componentes situacionais, apenas as leituras que não ferissem esse núcleo poderiam ser consideradas aceitáveis.

1.2 TIPOS DE LEITURA

Entende-se por leitura toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita. Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. A leitura falada, embora timidamente, geralmente acontece na escola. O primeiro contato da criança com a leitura, se dá por meio da leitura auditiva. Os adultos leem para as crianças, assim, ouvir histórias é uma forma de ler.

Para melhor compreender o processo de leitura consideremos as etapas apresentadas por Cabral (1986), identificadas como: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. A decodificação resulta do reconhecimento dos símbolos escritos e da sua ligação com os significados; a compreensão ocorre quando o leitor capta do texto a temática e as ideias principais; a interpretação é a fase de utilização crítica do leitor, o momento em que faz julgamentos sobre o que lê e a retenção é o que o leitor absorve do que compreendeu ou interpretou sobre o texto.

A leitura é uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu... A leitura é uma atividade estritamente linguística e a linguagem se dispõem com a fusão de significados com significantes (CAGLIARI, 2005, p. 150).

Ainda de acordo com o autor supracitado,

“Os signos linguísticos atuam pela convencionalidade social. A escrita atua pela convencionalidade da representação gráfica dos signos, e a leitura também tem a sua convencionalidade guiada não só pelos elementos linguísticos, mas também pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos, do leitor. Cada um lê a seu modo, a escola deve respeitar a leitura de cada criança” (CAGLIARI, 2005, p. 150).

O ideal significaria poder alimentar o conhecimento da leitura dos textos escritos e a experiência da leitura das imagens dos filmes e da televisão.

A leitura oral, falada ou ouvida, explica Cagliari (2005), processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa pôr em ação os mecanismos de decifração da escrita. Não existe leitura sem decifração da escrita.

A escola comete injustiça com as crianças não levando em conta essa sua dificuldade, muito real e séria que é a decifração na leitura. As crianças precisam de um tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado.

A leitura de um texto não se processa diretamente da “compreensão” da escrita para a “compreensão” do pensamento. A leitura é um ato linguístico e está

essencialmente conectada a todo mecanismo de funcionamento da linguagem, da língua específica que está sendo lida.

A escrita deixa de lado diversos aspectos fonéticos, como o ritmo, a entonação e muitos elementos contextuais que numa fala real ajudam a compreensão do que se diz. Um bom leitor, afirma Cagliari (2005), deve recuperar esses elementos que a escrita não reproduz... uma leitura expressiva. Para que as crianças leiam expressivamente, o professor precisa deixar que ela estude o texto, decifre-o e treine sua leitura. Ela não pode lê-lo diretamente. Isso frustra a criança que lê, os colegas que ouvem e a professora, que percebe que não sabe ensinar como ler corretamente.

1.3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo, dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo interno, mas deve ser ensinado (SOLÉ, 1998 pg. 32,33).

Um ensino produtivo de língua promove o desenvolvimento de diferentes habilidades, linguísticas, ajudando o aluno a ampliar o uso da língua de modo eficiente e, para atingir estes objetivos, o professor deve propor aos educandos diversas atividades, pautando assim o ensino pelo desenvolvimento de diversas estratégias de leitura associado a uma ampla abordagem de diversos gêneros textuais, só assim o aluno possuiria acesso aos variados gêneros e tipos textuais.

Entende-se que, as situações de ensino-aprendizagem que se articulam em torno das estratégias de leitura como processos de construção conjunta, nos quais se estabelece uma prática guiada através da qual o professor proporciona aos alunos os 'andaimes' necessários para que possam dominar progressivamente essas estratégias e utiliza-las depois da retirada das ajudas iniciais (SOLÉ, 1998 pg. 32,33).

Cabe ao professor promover um processo de leitura adequado, é necessária uma leitura que inicie com o emprego de estratégias de leitura que favoreçam ao leitor um caráter decisivo perante o texto, desenvolvendo a habilidade de ler nas entrelinhas.

Faz-se prioritário nesse momento identificar que o professor, como mediador no processo de ensino-aprendizagem deve promover algumas estratégias de leitura, por exemplo, ativar o conhecimento prévio do aluno (pré-leitura), levar o aluno a diferenciar o que é essencial do que é menos relevante, fazendo assim uma esquematização e construindo assim o significado global do texto. Além disso, o professor deve instigar o aluno a fazer previsões, inferências, para que aos poucos ele se torne um leitor autônomo.

Nesse sentido, as estratégias de leitura, além de levar o aluno a raciocinar, devem ser vistas como meios de desenvolvimento de uma leitura crítica, que leve o aluno a refletir sobre as diversas formas e funções da linguagem.

De acordo com Isabel Solé (1998), as estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo.

Para aprender as estratégias, o aluno deve integrá-las a uma atividade de leitura, assim, é preciso articular situações de ensino de leitura em que se garanta sua aprendizagem significativa. Quando se trata de ensinar as estratégias responsáveis pela compreensão, o aluno deve vivenciar e assistir ao que o professor faz quando ele mesmo se depara com a leitura ou com dificuldade de leitura.

Segundo Solé (1998, p. 26), constituem as estratégias de compreensão leitora para antes da leitura:

- Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos para textuais, como título, subtítulo, do exame de imagens, de saliências gráficas, outros.
- Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto;
- Expectativas em função do suporte;
- Expectativas em função da formatação do gênero;
- Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

Atividades durante a leitura:

- Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas criadas antes da leitura;
- Localização ou construção do tema ou da ideia principal;
- Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário;
- Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores;
- Formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo;
- Identificação de palavras-chave;
- Busca de informações complementares;
- Construção do sentido global do texto;
- Identificação das pistas que mostram a posição do autor;
- Relação de novas informações ao conhecimento prévio;
- Identificação de referências a outros textos.

Atividades para depois da leitura:

- Construção da síntese semântica do texto;
- Utilização do registro escrito para melhor compreensão;
- Troca de impressões a respeito do texto lido;
- Relação de informações para tirar conclusões;
- Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto;
- Avaliação crítica do texto.

As estratégias de leitura para antes, durante e depois da leitura pretendem desenvolver a prática na formação do leitor, que para alcançar esse estágio de proficiência deve dominar os processamentos básicos da leitura.

1.4 O TRABALHO COM A LEITURA NAS ESCOLAS

A leitura é um importante instrumento para o processo de reconstrução da sociedade, compreendendo que, para a criança ler, é necessário primeiramente conhecer a língua portuguesa, já que desde o momento do seu nascimento ela participa do grupo de aprendizagem: familiar, social, cultural, por meio do qual acumula experiências que se processam, principalmente, durante a sua trajetória escolar.

A escola hoje, em muitas situações, adota a leitura mecanizada, aquela que somente o indivíduo passa os olhos, diz o código e verifica se não errou alguma palavra, se a entonação estava correta, entre outros.

Portanto, pode e deve "fugir" desse tipo de leitura escolarizada, utilizada em sala de aula, ainda nos dias atuais, e levar os alunos a uma compreensão sobre o significado de ler e, por conseguinte, à mudança de atitudes, revelando possibilidades e alternativas que implicam na convivência com a leitura.

Freire (2008) mostra que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o rodeia, por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou de escrever e transformar através de uma prática consciente. Isso equivale dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Assim, a leitura é um dos grandes elementos da civilização humana.

É comum as escolas destinarem um espaço para a leitura, os quais são chamados de sala de leitura ou biblioteca escolar. No entanto, as escolas vêm mostrando que na prática muitas bibliotecas escolares estão sendo utilizadas inadequadamente, sob a visão de um conceito ultrapassado. Assim, é comum vê-las como simples depósitos de livros, isso tanto na rede pública como na rede privada.

Porém, nem todas as escolas são iguais, algumas sabem valorizar esse tesouro, fazendo uso dos livros que lá contém. Conforme Freire (2008, p. 22), "A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca". Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um, de muitos espaços perfeitos para

que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

Mesmo que o espaço seja pequeno, é preciso que o aluno tenha esse contato com o livro na biblioteca: frequentá-la para fazer pesquisa, estudar e também locar livros para ler no seu dia a dia. Porque a escola é o lugar de aprendizagem permanente, é preciso aproveitar das coisas boas que lá existem. O ambiente da biblioteca deve ser confortável, arejado, limpo, organizado, pois esse espaço físico também incentiva o aluno a ler, mesmo não sendo um espaço grande.

Com isso a biblioteca serviria como suporte de auxílio para a leitura em sala de aula. Pois, a partir do momento em que o aluno passar a frequentar a biblioteca, seu interesse pela leitura também passará a ser maior e, sem dúvida, esses alunos lerão com mais liberdade, tanto individualmente, no dia-a-dia, como em sala de aula.

Este deve ser um compromisso de todos os professores da escola, assim, a biblioteca se transformaria num grande espaço ativo para melhorar os índices de leitura.

Sabe-se, conforme Freire (2008), que é praticando a leitura que se aprende ser um bom leitor, já que

Se é praticando que se aprende a nadar,

Se é praticando que se aprende a trabalhar,

É praticando também que se aprende a ler e a escrever.

Vamos praticar para entender

E aprender para praticar melhor. (FREIRE, 2008 p.47)

É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não têm esse hábito de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de incentivar a leitura na educação. Desse modo, a escola é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente.

Ao se abordar sobre o ensino e a aprendizagem da leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 40) afirmam terminantemente que:

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes". Ao utilizar a expressão "trabalho com a leitura", ao invés de "ato de leitura", postula-se que a atividade configura-se como um processo coletivo e não individual, em que professor, aluno

e autor, através do texto, dialogam em busca de possíveis leituras, não havendo a predominância de um desses elementos no processo de leitura.

No entanto, a intenção da atividade é, de início, a constituição do leitor e não o seu desenvolvimento (MENEGASSI, 2010), tenha visto que é imprescindível que o aluno incida pelas fases de formação, decodificando diversos textos, até conseguir o desenvolvimento em leitura, ocasião em que se adequa daquilo que lê, originando à sua realidade, concretizando deduções, entre diferentes atividades de letramentos sociais, não exclusivamente o escolar, para a formação do leitor competente.

Ainda de acordo com os PCN a leitura

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...] não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão. (BRASIL, 1998, p. 41).

Analisa-se que a leitura é apresentada como um processo, ou seja, organizada por fases que estabelecem um trabalho de construção de significação do texto por parte de quem ler, ou seja, o leitor. O significado é aquele delimitado no texto e o aluno é responsável por buscá-lo, apontando à produção de pressentidos para aquilo que lê, que são lançados a partir de suas afinidades sócio-histórico-ideológicas com o texto.

CAPÍTULO II – A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

2.1 BREVE HISTÓRICO DA ESCRITA

A escrita surgiu devido à necessidade de registrar certos acontecimentos, acompanhada de um notável desenvolvimento das artes, do governo, do comércio, da agricultura, da manufatura, dos transportes. Ela é considerada o marco de passagem da pré-história para a história. É principalmente a partir do registro escrito

que compõe a história, a forma de vida, a cultura de um povo em determinada época.

De acordo com Cagliari (1998), a escrita existe desde o período das cavernas. Como não sabiam escrever, usar letras para formar palavras, frases, textos, utilizavam o desenho para registrar e expressar os acontecimentos, cada um deles significava uma ação.

Com o avanço da humanidade, houve a necessidade também da evolução do sistema de escrita tornando-se mais complexa, onde o signo passou a ter valor fonético, independente do significado: o signo torna-se palavra, a escrita vincula-se à língua oral. O desenho é dos sons, a representação passa a ser dos sons e não mais do significado.

Com a introdução do sistema de fonetização, abrem-se enormes horizontes para os registros escritos. Passa a ser possível expressar todas as formas linguísticas por meio de símbolos escritos, estes tendo valor silábico e passando a ser normatizados.

Surge o papiro no Egito, um tipo de papel amarelo, macio e resistente.

Por volta de 300 a.C. os hieróglifos egípcios alcançaram sua forma definitiva, compreendendo 24 sinais para as consoantes, surgindo o alfabeto, onde cada sinal representava uma consoante única, sendo o som das vogais indicado apenas pelo contexto.

Aproveitando o alfabeto desenvolvido pelos egípcios, os gregos desenvolveram um sistema de vogais, que unidas aos signos silábicos, tornaram-se as sílabas simples, signos consonânticos, criando assim um completo sistema alfabético, com 27 letras, revolucionando assim o sistema da escrita. E é este sistema que trabalhamos em sala de aula. Apenas um número mínimo de países não o usa, por exemplo, China e Japão.

Para entendermos melhor a história da escrita, convém dividi-la em três fases distintas, que representam a evolução cronológica da escrita, a saber: a pictórica, a ideográfica e a alfabética.

2.1.1 Fase pictórica

A escrita pictórica é aquela onde se exprimiam as ideias através de desenhos ou pictogramas. Os pictogramas não representam o som, mas sim a imagem do objeto que se queria representar. Um exemplo disso é uma flecha junto a uma espiga ou a uma pena de galinha, o que indicava que os que tentassem roubar o milho ou a criação seriam mortos.

A escrita pictórica associava desenhos a ideias, mas era imperfeita, pois não representava a fala.

2.1.2 Fase ideográfica

A escrita ideográfica evoluiu da escrita pictórica. É um sistema de escrita que se manifesta através de ideogramas. Os ideogramas são símbolos gráficos, caracteres que, reunidos, representavam (ou representam) objetos, ideias ou os sons das palavras utilizadas para nomear os objetos.

Um exemplo bem claro de alguns ideogramas presentes em nosso sistema alfabético são os números.

Uma escrita que permanece até hoje em sua forma ideográfica são o japonês e o chinês, embora tenham sofrido algumas adaptações.

2.1.3 Fase alfabética

É caracterizada pela utilização de letras. Embora provinda da escrita ideográfica, a escrita alfabética perdeu seu caráter pictórico e passou a representar os sons dos fonemas das palavras.

De acordo com Emília Ferreiro (2009, p. 151), “como a criança utiliza ambas as hipóteses de escrita (pré-silábica e silábica) ao mesmo tempo, ela vivencia um momento de transição. Nessa fase, os avanços só podem ocorrer mediante informações que possibilitem o refinamento da aprendizagem relativa ao valor sonoro convencional das letras, além de oportunidades de comparação dos diversos modos de interpretação da mesma escrita”.

Os primeiros a utilizarem a escrita alfabética foram os povos semíticos (fenícios, hebreus, etc.), por volta do século XV a.C. Entretanto, esses sistemas

continham apenas sons consonantais (mesmo assim as palavras eram facilmente reconhecidas). Por volta do ano 800 a.C., coube aos gregos acrescentarem as vogais aos sistemas alfabéticos existentes, criando, assim, um sistema alfabético mais completo.

Em comparação aos outros sistemas de escrita, a alfabética é mais simplificada, pois consiste em representar os sons, contando para isso com um repertório de aproximadamente 25 letras, ao passo que a escrita ideográfica (a chinesa, por exemplo) conta com milhares de caracteres, o que torna dificultosa a sua apreensão.

De acordo com o que foi abordado no presente capítulo pode-se concluir o mesmo dizendo que, qualquer que seja a escrita adotada por um povo, ela sempre terá a função de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural de um povo. E, se antes os livros, bem como a imprensa tenham representado grandes avanços na História da humanidade, hoje temos tantas outras tecnologias, ou meios de materialização dessa memória coletiva dos humanos, tais como o rádio, a televisão, os jornais, as revistas, a Internet, etc.

Por esses e outros motivos, deve-se repensar a forma como se tem alfabetizado os alunos de hoje. Pois dentro de poucos anos (se é que já não estamos lá) não bastará apenas saber ler ou escrever, mas saber operar os computadores, os quais têm se tornado as verdadeiras “bibliotecas” de nossas memórias hoje em dia.

Mas não basta apenas saber sobre a escrita e sua origem. É preciso entender que alfabetizar requer conhecer as etapas pelas quais passa o ser humano para adquirir o conhecimento.

2.2 CONCEPÇÕES DE ESCRITA

Os episódios de escrita que fazem parte do cotidiano escolar sempre estão ligados ao processo de leitura, como observa Braggio (1995, p.11):

A leitura e a escrita são tratadas como a mera aquisição da técnica de ler e escrever, com ênfase no componente grafofônico da língua,

com um fim em si mesmo, circunscrito às quatro paredes da sala de aula. São estes pressupostos que, aglutinados, vão dar embasamento à prática em sala de aula e aos materiais didáticos, constituindo-se nos métodos anteriormente apontados, e que vão ter sérias consequências sobre o professor e seus alunos, dentro e fora da sala de aula, ou seja, enquanto instrumentos/objetos do processo educativo e como homem do mundo em que atua.

Deste modo a autora demonstra, que o estudo da linguagem só pode ser visto em todo o seu contexto, assimilando língua e sujeito, segundo o modelo interacionista de Vygotsky, em que não só o sujeito é considerado, mas também o objeto, porque é na interação dos dois que se dá o ato da leitura.

A principal ocorrência de materiais escritor é constatada no decorrer da aula de língua portuguesa, na qual os alunos entram em contato com exercícios, textos para leitura, atividades educativas, entre outros, percebendo que na maioria das vezes a escrita é tratada como mera técnica de escrever, não proporcionando ao aluno condições para que dominem o funcionamento textual e sua inserção na sociedade (BRAGGIO, 1995).

Num quadro mais amplo, a escrita, segundo Braggio (1995), é percebida como uma forma diferente da linguagem oral, utilizada para preencher as necessidades de comunicação, de modo que a escrita muitas vezes é utilizada como preenchimento de lacunas, não como uma ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem, sendo que antes de ingressarem na escola, as crianças já entendem a escrita como parte integrante da sociedade que as rodeia, e ao escrever desenvolve-se também a leitura, já que são dois processos dependentes um do outro, a escrita não sobrevive sem a leitura e vice-versa.

Braggio (1995) aponta três princípios que regem o desenvolvimento da linguagem:

- Primeiro os princípios funcionais que se referem às decisões que devem ser tomadas pela criança de como escrever e para que escrever, com base na significação na escrita em sua vida e na necessidade que ela sinta de se apropriar da escrita;
- Segundo, os princípios linguísticos que se referem às constatações da criança com relação à organização da escrita;

- Por último os princípios racionais que se referem à compreensão da criança da significação da linguagem escrita numa determinada cultura, como elemento representativo das ideias e conceitos.

Toda criança possui a habilidade de aprender a ler e escrever necessitando apenas descobrir as regras particulares que se aplicam a esta aprendizagem. O escritor aprende a expressar-se, produzindo um texto que se adapte à situação na qual é envolvido, necessitando de um controle sobre a forma da linguagem escrita mais adequada para o preenchimento das exigências sociais, o discurso produzido a partir da escrita precisa estar em conjunto com a realidade do aluno, para que ele não pense que adentrou a escola sabendo de nada, mas que perceba a escola como um componente somatório a sua formação como cidadão.

2.3 LEITURA E ESCRITA A FORMAÇÃO NAS ESCOLAS

Observando a escola e sua forma de ensino, a leitura e a escrita são consideradas aspectos básicos para o começo do desenvolvimento do aluno e esse aprendizado é necessário e bastante útil para todo o relacionamento com o mundo. Assim traça-se como objetivo esclarecer e ajudar os princípios adotados que deveriam ser alterados para melhorar o ensino do professor e o entendimento do aluno.

Neste tópico abordam-se questões sobre a construção da leitura e da escrita até mesmo na formação de professores, buscando compreender não só os fatores que tem contribuído para o fracasso escolar dos alunos, como também verificar a possibilidade da escola garantir a todos, indistintamente, o direito de se tornarem leitores e críticos de sucesso.

Também enfatiza-se neste tópico a linguagem como fenômeno social, onde a educação é o melhor caminho para acabar com as desigualdades e construir uma sociedade mais justa, no entanto o mesmo pretende mostrar algumas formas de ensino e aprendizagem nas escolas de nível fundamental, ele apresentará as maneiras que são abordadas a leitura e a escrita e quais as possibilidades que o educando pode ter para assimilar as propostas apresentadas e os conteúdos que são abordados em sala de aula e assim verificar se houve absorção de todos os

princípios que foram estudados e verificar o seu desenvolvimento, sendo assim, refletir sobre estratégia de escrita e leitura utilizadas para os educandos que se encontram em processo de alfabetização, para que leiam, compreendam e depois consigam escrever, mas é preciso conhecer os gêneros textuais, isso tudo requer uma maneira específica para cada um, com isso esse trabalho vai se formatando e mostrando um claro objetivo como o de apresentar aos educadores algumas sugestões para trabalhar em sala de aula nas séries iniciais, fazer a leitura e a escrita de forma ousada e diferenciada para que o aluno possa se interessar e praticar de forma prazerosa, tentar também mostrar aos educadores meios para estar vivenciando tal prática de forma mais clara e objetiva, onde o aluno seja parceiro do educador, e que aconteça o processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto e é exatamente incluso neste processo, tornando-se assim importante que o leitor possa obter os objetivos que guiam sua leitura. Dentro do contexto deste trabalho será dada ênfase à leitura não dizendo que a escrita não é importante, mas segundo Cagliari, a leitura precede da escrita. Revela-se a importância de relatar a leitura, no que diz respeito às séries iniciais. Educadores tem que formar objetivo de ensino e construir também um objetivo de aprendizagem para que este tenha sentido do ponto de vista do aluno.

Cagliari (2003) relata que escrita é algo no qual estamos tão envolvidos, que nem damos conta de como alguém vive sem ler ou escrever e de como uma criança encara essas atividades, de fato como funciona esse mundo, que nos parece tão familiar e de uso fácil. Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever, portanto, a escrita é uma atividade nova para a criança e por isso mesmo, requer um tratamento especial na alfabetização.

É esperado que no final de um ano de alfabetização, a criança saiba escrever, mas nem tudo com correção absoluta, esse é um ponto importante, que nos leva a uma reflexão: a preocupação com a ortografia durante o primeiro ano escolar. A educação está em fase de reestruturação, será a partir da ligação estabelecida entre a escola, o aluno e o professor que se dará ou não o sucesso escolar, e como a interação entre eles é passível de observação para a compreensão das questões de ensino. A relação professor e aluno, embora seja complexa, é espelhada na vivência humana e na realização das interações dele como indivíduo.

A interação que se caracteriza pela seleção de recursos inerentes ao processo de aprendizagem no qual a organização e a sistematização didática servem como base para facilitar o aprendizado dos alunos e a exposição do conteúdo material pelo professor.

As regras que orientam a leitura e a escrita pelo sistema alfabético são passadas pelo educador, forçando a participação da criança, identificando as letras do alfabeto e suas diferentes formas de apresentação gráfica e a distinção entre elas como: domínio das convenções gráficas, como a função dos espaços em branco delimitadores do início e do término de palavras, entre outros, a leitura que depende de processamento individual mas se insere num contexto social e envolve capacidade relativa à compreensão e a produção do sentido e assim saber decodificar palavras e textos, ler de forma superficial, utilizando-se de estratégias intuitivas como reconhecimento da finalidade ou do assunto do texto a partir das imagens, características do suporte ou do gênero textual, ou de ler de modo mais aprofundado e proveitoso, identificando informações relevantes ou realizando inferências para a compreensão do texto, além de localizar dados explícitos sobre o conteúdo.

As atividades realizadas com textos que as crianças sabem muito bem, também proporcionam momentos preciosos de reflexões, uma vez que os alunos de escrita não-alfabética têm como tarefa a ordenação de frases ou palavras do texto

Se nos remetermos aos caminhos trilhados pela alfabetização aos longos dos anos, verificamos que estes foram distinguidos pela memorização, "decoreba", cópia e descontextualização. E essas são marcas que não fazem mais sentido neste processo, pois, no contexto atual a ênfase está na relação da criança com a textualização do mundo social.

Quando a criança começa a escrever, ninguém explica a ela o que significa, as letras, as formas alfabéticas, ela fica curiosa diante das coisas que os adultos fazem com as letras, com o tempo acaba aprendendo de forma inadequada o que a escola pretende. Cagliari (2003) diz que o grande problema nesse caso é que a escola ensina o que é escrever, joga com a criança sem dizer as regras do jogo.

Quando se fala em escrita nos deparamos com os dois métodos: a escrita de fôrma e a escrita cursiva. A letra de fôrma a criança encontra nos livros e a cursiva é algo mais particular, quando o aluno está sendo alfabetizado, é melhor usar a letra de fôrma, mas não se pode esquecer-se da cursiva. Sendo assim,

Cagliari relata que alguns professores fazem muita questão de enfatizar o uso da escrita cursiva e esquece-se de verificar o que a escrita representa para a criança. É preciso ouvir da criança o que é escrever e pra que serve a escrita, valorizando as opiniões que cada uma pode apresentar. “A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura” (CAGLIARI, 2003, p. 103).

Ler e escrever se assemelham a ouvir e falar, o que nos leva a analisar a natureza daquelas atividades acima, portanto são atividades de comunicação, embora as condições de interação sejam diferentes em uns ou outros casos. Tudo isso está ligado à relação professor e aluno. Por se tratar de relação humana será sempre ou quase sempre, conflitante, mas com vistas no que propomos há possibilidades de um acréscimo naquilo que a escola se justifica como intuição: ensinar.

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem e não pode desvinculá-la daquilo que a permeia: um programa, normas da instituição de ensino, que em dúvida influencia neste processo, e daí surge um conflito inerente a essa relação na escola brasileira: é uma relação que se baseia no convívio de classes sociais, culturais, valores e objetivos diferentes.

Então, o objetivo não é apontar soluções para os descompassos, mas propor um questionamento acerca de um processo: o de aprendizado, sob o viés das relações humanas professor-aluno e dessas relações com a instituição escola, levantando alguns pontos sobre esse processo e assim refletindo um pouco sobre escrita e leitura que saiu do ambiente puramente escolar e saltou para o lado de fora dos muros das escolas, incluindo nela uma aproximação com a própria sociedade, visto que são elas que concedem uma renovação, então são sobre elas que devemos refletir. Conhecimento e valorização dos modos de produção e circulação da escrita na sociedade compreendendo os usos formais e informais, entretanto é preciso entender que a inquisição do código escrito não traz espontaneamente o domínio das estratégias, por isso é necessário que a escola ofereça oportunidade para que os alunos tenham acesso a diferentes textos, com diferentes propósitos em diferentes gêneros, tendo assim oportunidade para utilizar estratégias diversificadas de leitura. Diante do que foi dito podemos perceber que as crianças que ainda não dominam o código escrito e que encontram em processo de alfabetização e letramento utilizam sim, estratégias de leitura para melhor compreender os diversos textos que lhe são apresentados.

Os educadores têm uma missão bem importante, fazer no ambiente de trabalho um clima que possa surgir efeitos concretos, induzirem os alunos a reconhecerem a importância de ler e escrever e assim fazer com que eles aprendam de forma prazerosa a fim de ocorrer o interesse natural, por exemplo, colocar o aluno diante de diversos gêneros textuais motivados por diversas razões e com diferentes objetivos, mostrando que essas leituras não são iguais porque lemos cada gênero de maneira diferente, ou seja, a leitura de uma receita ou de uma poesia requer estratégias específicas para cada uma.

De acordo com o texto e a finalidade da leitura, pode-se ler apenas para extrair informações, pelo prazer que a leitura proporciona ou simplesmente para manter-se informado. Já as crianças que estão em processo de alfabetização e letramento é muito importante que tenha uma estratégia traçada pelo professor, para o sucesso da compreensão e por fim distinguir os diferentes tipos de texto. No Brasil, na década de 1990, foram publicados os Parâmetros Curriculares nacionais – os P.C.N (os de língua portuguesa para o ensino fundamental, em 1997 e 1998), os quais apresentam pela primeira vez em nível institucional nacional, o trabalho com os gêneros. Os P.C.N de 3º e 4º ciclos do ensino fundamental (1998, p. 19) preveem que considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe a escola mover sua ampliação de forma que progressivamente, durante o Ensino Fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente e de assumir a palavra, e como cidadão capaz de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. Para os anos finais do Fundamental, os P.C.N sugerem que, no trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas a escola deve organizar um conjunto de atividades que possibilitem o aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, considerando a situação de produção social e material do texto.

Ao reconhecer que os gêneros existem em números quase ilimitados, variando em função da época, das culturas, das finalidades sociais, e que seria impossível a escola tratar de todos, os P.C.N preconizam que é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais profunda. No documento foram priorizados gêneros considerados de domínio fundamental à efetiva participação social e agrupados em função de sua circulação na sociedade. O trânsito pelas diferentes esferas de comunicação possibilita o educando uma inserção mais produtiva no

sentido de poder formular seu próprio discurso e inserir na sociedade em que está inserido.

Além da conscientização do professor da importância de se incluir, ou seja, de ser mediador nas produções de atividades textuais (bem preparada, bem adequada e bem produzida), essa interação é fundamental para a concepção do aluno. Numa concepção tradicional, o processo de ensinar centrava-se na transmissão de conhecimentos, ou seja, supõe-se uma fonte, que sabe lugar ocupado exclusivamente pelo professor, e um receptáculo desse saber, lugar ocupado exclusivamente pelo aluno. Sendo assim, acredita-se que a mediação, invariavelmente, estaria comprometida.

Hoje para assumir a responsabilidade como mediador no processo de ensino-aprendizagem, o professor precisaria se comprometer com outra mudança, essa permitiria o aluno a possibilidade de participar do próprio processo de aprendizagem, não mais de forma passiva, mas ativa, concebendo-se como sujeito autor de suas palavras e ações, tendo direito a palavra. Quando diz: “Devolver a palavra ao outro, significa querer escutá-lo. A escuta não é uma atividade passiva, a compreensão do outro envolve uma atitude responsiva, uma contra palavra”, segundo Bakhtin (1997).

O trabalho com a produção textual dentro de uma perspectiva internacionalista teria, ainda, como característica, além da realização de atividades prévias e do professor como mediador, uma nova concepção sobre o papel do aluno, concebido, agora, como sujeito. Então, aquele que tem consciência das suas palavras e das suas ações, sendo capaz de confrontar experiências de vida, seu saber assimilado, com os novos conhecimentos, dominando as estratégias de ensino, podendo assim, escolher dentre elas, aquela que mais lhe convier. O professor deve considerar o aluno como sujeito que necessita exercitar na escola sua capacidade de ser autor. Sendo assim, o aluno deve ter a oportunidade de produzir seu próprio texto, mudando as propostas tradicionais existentes nas escolas, partindo então em conformidade com a perspectiva internacionalista de ensino e teria assim uma participação ativa no processo de construção do próprio conhecimento.

Desta forma implicaria reconhecê-lo como sendo capaz de entender sua própria “realidade social” e interagir com ela, a sala de aula passa a ser entendida como um lugar de interação e de construção de conhecimento, ela não pode ser

vista, apenas, como o lugar onde os alunos se reúnem para rever informações, mas onde as experiências, as vivências e os novos conhecimentos se confrontem a cada dia criando um cenário de grandes expectativas e de curiosidade para que façam a atividade com prazer e zelo

Podemos dizer que a realização de atividades previa adequada e eficientes contribuem para uma formação mais precisa onde o mediador apresentaria ao aluno os motivos e as condições para a produção dos textos esclarecendo que não se trata de uma tarefa fácil, mas de uma tarefa que traduzira habilidade quando for completada, apesar da media dificuldade, pois não bastaria o professor conhecer os fundamentos que sustentam a concepção integracionista de ensino, reconhecendo as características, as quais recebem a sala de aula como um lugar de interação, o professor como mediador, o aluno como sujeito e a importância das atividades previas na atividade de produção de textos. Portanto, somente a junção entre teoria e prática devidamente trabalhada poderão dar conta de habilitar eficientemente todos os alunos para a atividade da escrita de textos.

A escola tem como função primordial, para grande parte dos professores, mostrarem caminhos para que os alunos aprendam, de maneira consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimento. Então pode possibilitar que os alunos atuem criticamente em seu espaço social. Uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político da participação cultural e na reivindicação social.

Abordando sobre a leitura e a escrita está fundamentalmente ligada a concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que é ensinar e aprender. Essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribuem à escola e a escolarização. Algumas abordagens escolares derivam de concepções de ensino e aprendizagem da palavra escrita que reduz o processo da alfabetização e de leitura a simples descodificação dos símbolos linguísticos. A escola transmite uma concepção de que a escrita é a transcrição da oralidade (CAGLIARI, 2003, p. 26) parte do princípio que o aprendiz deve unicamente conhecer a estrutura da escola, sua organização em unidades e seus princípios fundamentais, que incluíram basicamente algumas das noções sobre a relação entre escrita e oralidade, para que possua os pré-requisitos para aprender e desenvolver as atividades de leitura e de produção da escrita. As práticas discursivas de leitura e escrita são como fenômenos sociais que ultrapassam os limites da escola. A leitura e a escrita são

atividades dialógicas que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização.

CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES

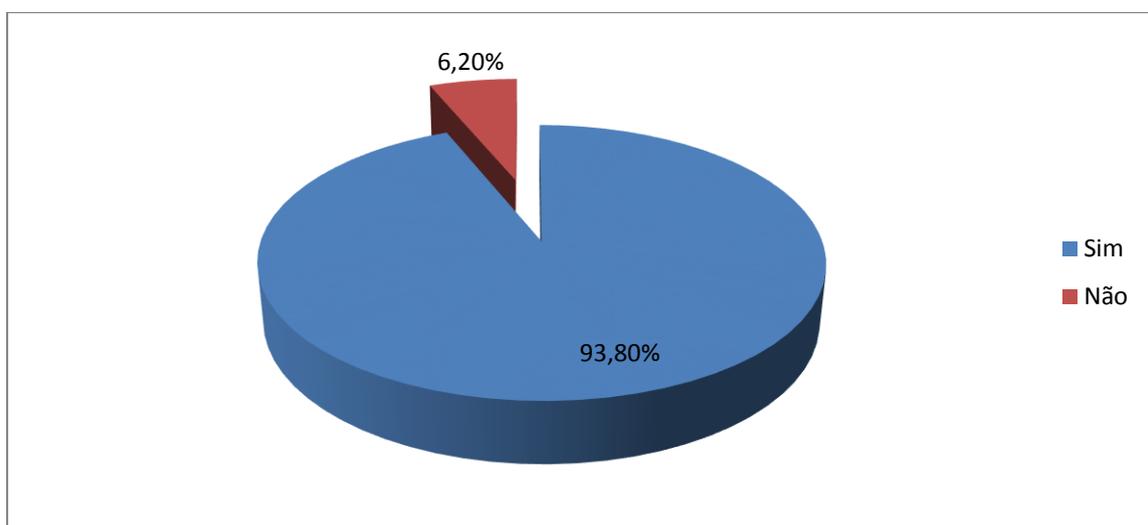
A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário, no qual os autores entrevistados foram os discentes da E.E.E.F.M Bernardino Bento. Tendo como objetivo fazer uma análise do panorama atual da escola em relação à leitura e escrita dos alunos.

Hoje em dia o que se pode observar é que as atividades intelectuais e profissionais da sociedade em meio da língua escrita. Manter autoridade e domínio sobre o hábito de ler, garante o exercício de cidadania, o ingresso aos bens culturais e a inclusão social.

Tendo em vista necessidade de se haver um bom hábito pela leitura e escrita, para que os alunos futuramente possam ser pessoas dignas e sirvam como modelo para outras crianças a praticarem esses hábitos. E tenham um futuro mais promissor, sendo bons profissionais.

A presente pesquisa deu-se início com a seguinte pergunta: Você se identifica com a leitura e escrita? Os dados colhidos podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 – Distribuição da amostra quanto a se você se identifica com a leitura e escrita?



Fonte: Elaboração própria, 2014.

De acordo com o gráfico 1, pode-se dizer que a grande maioria, ou seja, 93,80%, se identifica com a leitura, isso é um dado muito bom para a realidade vivenciada na escola, pois é através desta que se pode concluir que os alunos gostam e sentem-se à vontade em relação a leitura e escrita.

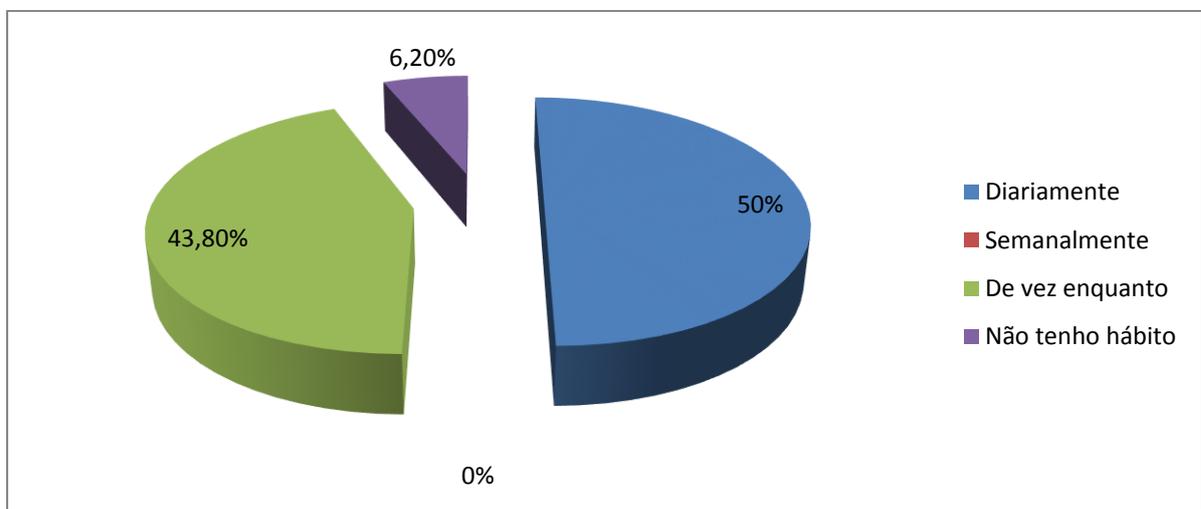
De acordo com Silva (2002, p. 16)

A leitura ocupa, sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adestramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento.

A leitura e a escrita são instrumentos de imensa importância para o processo de reconstrução da sociedade, sabendo que, para a criança saber ler e escrever é necessário, primeiramente, conhecer a língua materna, já que desde o momento do seu nascimento ela participa do grupo de aprendizagem: familiar, social, cultural, por meio do qual acumula experiências que se processam, principalmente, durante a sua trajetória escolar.

Partindo desse entendimento, fez-se a seguinte pergunta: Seu hábito de leitura é? O resultado da pesquisa nos mostra uma contrariedade em relação ao gráfico 1, como pode ser visualizado no gráfico abaixo

GRÁFICO 2 – Distribuição da amostra quanto ao hábito de leitura



Fonte: Elaboração própria, 2014.

O gráfico 2, nos mostra uma estabilidade de resultados se comparado com gráfico 1, no qual 50% dos entrevistado mantém um hábito de leitura diariamente, enquanto que 43,8% de vez enquanto. Dessa forma, isso nos dá uma ideia de que se deve trabalhar mais o hábito da leitura nos alunos, fazendo, rodas de leitura, gincanas de leitura e exercícios que estimulem os alunos a ler com mais frequência e tomar gosto por isso.

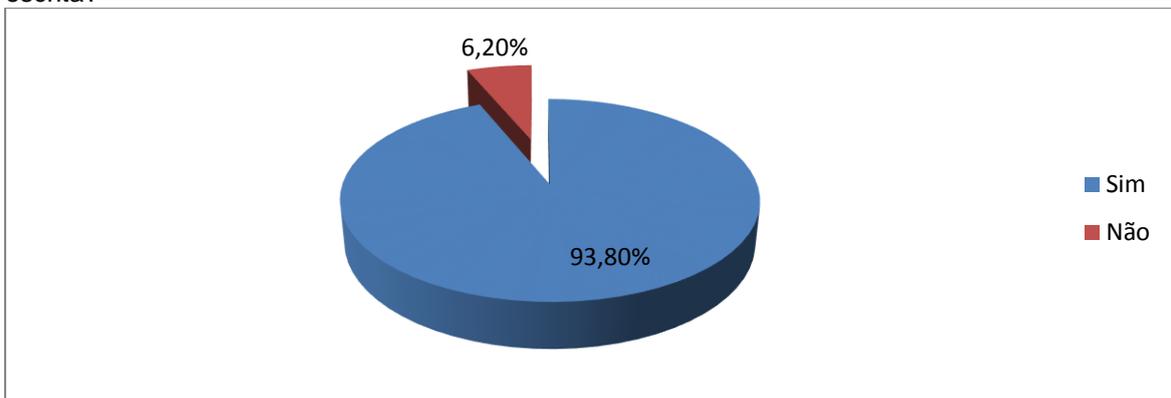
De acordo com Solé (1998, p. 32-33)

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo, dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo interno, mas deve ser ensinado.

Um ensino produtivo de língua promove o desenvolvimento de diferentes habilidades, linguísticas, ajudando o aluno a ampliar o uso da língua de modo eficiente e para atingir estes objetivos o professor deve propor aos educandos diversas atividades, pautando assim o ensino pelo desenvolvimento de diversas estratégias de leitura associado a uma ampla abordagem de diversos gêneros textuais, só assim o aluno teria acesso aos variados gêneros e tipos textuais.

A leitura é, portanto, caminho e oportunidade de lidar com a escrita e seu alto grau de abstração e autonomia contextual. Diante disso, fez-se a seguinte pergunta aos alunos: Seu professor faz aulas práticas para melhorar a escrita? De acordo com o gráfico a seguir, pode-se fazer uma breve análise dos dados.

GRÁFICO 3 – Distribuição da amostra quanto à se o professor faz aulas práticas para melhorar a escrita?



Fonte: Elaboração própria, 2014.

De acordo com o gráfico 3, em relação à prática de escrita imposta pelo professor aos alunos, 93,8% dos autores entrevistados responderam que sim, que seu professor desenvolve aulas práticas em sala de aula para melhorar a escrita, um número bastante satisfatório para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da escrita do aluno.

Conforme os PCN (1997, p.64),

Aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares, possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens; informar como escrever e sugerir sobre o que escrever possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita; favorecer a aquisição de velocidade na leitura e a estabilização de formas ortográficas.

Sabemos que é necessário a criança construir seu próprio conhecimento, em se tratando de alfabetização, mas mesmo assim cabe ao professor, organizar atividades que favoreçam também a reflexão sobre a escrita, pois é necessário que a criança se sinta segura para expressar-se, esse processo com certeza trará uma maior facilidade no processo da escrita o que conseqüentemente trará sucesso no processo de leitura.

Na visão contemporânea, a construção dos sentidos, seja pela fala, pela escrita ou pela leitura que é o enfoque principal desse trabalho, está diretamente relacionada às atividades discursivas e às práticas sociais as quais os sujeitos têm acesso ao longo de seu processo histórico de socialização. As atividades discursivas podem ser compreendidas como as ações de enunciado que representam o assunto que é objeto da interlocução e orientam a interação.

A construção das atividades discursivas dá-se no espaço das práticas discursivas e uma relação entre a oralidade, a escrita e a leitura.

A formação do professor em exercício em relação à resolução aos problemas com a escrita e leitura na sala de aula, é de tamanha importância. Os professores na prática devem saber dos aspectos mais respeitáveis para se instituir o prazer pelo ato de ler. Necessita-se pensar e cogitar sobre que tipo de leitor se cobiça formar, se os livros dispostos são do interesse dos alunos.

[...] “Quando se fala em formação inicial de leitores, é importante destacar a literatura para crianças e jovens, com a qual a aprendizagem está relacionada, e cuja relevância no

desenvolvimento emocional, intelectual, político e cultural da criança tem suscitado inúmeras defesas por parte dos estudiosos que lhe atribuem, sobretudo, a função de despertar no leitor o gosto e o prazer da leitura.” [...] (pg. 17)

A leitura deve ser prazerosa e não feita por obrigação ou para ganhar uma nota; deve ser aproveitada como uma atividade gostosa e prazerosa por ser interativa. No entanto, quando desprovida de crítica, pode levar à simples aceitação mecânica, se transforma em rotina mecânica, perde seu prazer e, conseqüentemente, não tem nenhum sentido para quem lê. Sendo assim, não basta apenas incentivar a ler, mas incentivar o gosto e prazer em praticar a leitura.

Os professores podem mostrar aos seus alunos que ler não é apenas identificar palavras, mas é viajar sem sair do lugar, romper barreiras e praticar um exercício gostoso e prazeroso.

Formar leitores não é moldá-los a um padrão mecânico, mas formar cidadãos críticos, conscientes de que eles podem mudar a sociedade e capazes de se posicionarem perante os seus ideais. Para que isso aconteça, os educadores devem trabalhar com a leitura a partir da realidade dos alunos e, então, desafiá-los a participarem do movimento de uma sociedade letrada através do diálogo com os escritores, mediado pelos discursos lidos. A sociedade então conta com a escola para formar cidadãos leitores.

O desenvolvimento de interesses em leitura é um processo constante, que começa na família, se aperfeiçoa na escola e continua pela vida em diferentes espaços sociais. Mas quando esse interesse não vem de casa, resta à escola recuperá-lo. Para que isso ocorra da melhor maneira é necessário que todos dentro do ambiente escolar se conscientizem de que todos os educadores são participantes na formação de cidadãos leitores

Para se ter um bom desenvolvimento da leitura é necessário que o professor faça uma mediação entre texto e leitor, para que assim, mesmo aquelas crianças iniciantes, tenham contato com a leitura, com isto as crianças tornam-se participativas não só no momento da leitura mas também em seu processo de alfabetização, a paixão pela leitura quando revelada a criança torna-se fonte de interesse pela mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão ampliou o meu conhecimento em relação às práticas de leitura e escrita nas séries iniciais de ensino fundamental. Procurou-se esclarecer nossas indagações, adquirir novos conhecimentos.

O presente trabalho monográfico tem como objetivo trabalhar com a leitura e escrita de uma forma construtiva nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa caracteriza-se através da abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de campo, ou seja, foi desenvolvida por meio de levantamento, seleção, leitura, documentação e análise de bibliografia específica sobre o tema, além de uma pesquisa de campo, que possibilitou a análise dos dados coletados para se abordar a questão a leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário, no qual os autores entrevistados foram os alunos da E.E.E.F.M Bernardino Bento. Tendo como objetivo fazer uma análise do panorama atual da escola em relação à leitura e escrita das crianças.

Por meio do presente estudo em questão ampliou o meu conhecimento em relação às práticas de leitura e escrita nas séries iniciais de ensino fundamental. Procurou-se esclarecer nossas indagações, adquirir novos conhecimentos

Concebendo a escola como o local de preparação e capacitação do ser humano, tendo em vista à formação integral do educando, um cidadão com competência que se espera diante de uma sociedade em constante mutação, crê-se na importância de ações pedagógicas especialmente delineadas para esse fim, com professores e alunos interagindo em momentos de ludicidade e aprendizagem.

Contudo, tem que se trabalhar cada vez mais em prol de uma educação de qualidade, especialmente para o indivíduo que se apresenta diante das condições atuais de formação do professor alfabetizador em nosso país, em busca de um novo método revolucionário de ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

É pertinente ressaltar que essa luta deve ser de todos aqueles que também confiam e têm esperança de transformar o mundo para melhor através da educação, sim uma educação de qualidade, a qual é direito de toda criança mediante a constituição do nosso país. Nos dias atuais, em virtude do grande fracasso escolar na rede de ensino, principalmente na área de alfabetização e letramento do ensino

infantil, deve-se considerar alguns métodos de ensino já utilizados e não ter medo de aplicá-lo em sala de aula.

Conclui-se que para o aluno ter apreço pela leitura deve-se influenciá-lo desde sua infância já no âmbito familiar, para que quando chegue à escola já tenha certo envolvimento com os livros, e assim se torne um aluno-leitor.

O professor tem como função mediar este momento, para que o aluno tenha gosto pela leitura onde este venha a desenvolver leituras prazerosas, podendo assim viajar a sair do lugar, e não por mero mecanismo. Para que isso aconteça o professor tem que ter a consciência de que ele é a peça principal para que se possa formar cidadãos leitores.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. (2003). **Aula de português – encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BRAGGIO, Sílvia Lúcia B. (Org.). **Contribuições da linguística para a alfabetização**. Goiânia: Editora da UFG, 1995.
- BRASIL. SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5ª. a 8ª. Série. Brasília: SEF, 1998.
- CABRAL, L. S. Processos psicolinguísticos de leitura e a criança. Letras de hoje, 1986.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. 12ª impressão. São Paulo. Scipione, 2005.
- EMILIA, Ferreiro – **uma concepção do desenvolvimento da escrita na criança**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, 151 p.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.
- FOUCAMBERT, Jean. **Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.
- KATO, Mary. **O aprendizado de leitura**. São Paulo: Marrons Fontes, 1985.
- KLAIMAN, Ângela. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2004.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., Série Primeiros Passos, 1983.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**, 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MENEGASSI, R. J. **O leitor e o processo de leitura**. In: GRECO, E. AL.; GUIMARÃES, T. B.; **Leitura: aspectos teóricos e práticos**. Maringá: Eduem, 2010, p. 35-60.

Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

REVES, Maria Teresa P. **O livro-de-imagem: um (pré) texto para contar histórias**. Imperatriz: Breves Palavras. 2000. 136 p.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO****ENTREVISTA INVESTIGATIVA – MONOGRÁFICA**

TEMA: DISCUTINDO UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA BASEADA NA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

IDENTIFICAÇÃO:

NOME DA ESCOLA: _____

NOME DO ALUNO: _____

1º) Sexo:

 Masculino Feminino

2º) Você se identifica com a leitura e escrita?

 Sim Não

3º) Quais livros você gosta mais de ler?

 Romance Cordel Contos Outros

4º) Seu hábito de leitura é?

 Diariamente Semanalmente De vez enquanto

() não tenho hábito

5º) Seu professor faz aulas práticas para melhorar a escrita?

() Sim

() Não